

Por Alves Silva

AINDA O PADRE HIMALAIA E UMA CARTA INÉDITA

O padre Himalaia, de seu nome de baptismo, Manuel António Gomes, viveu alguns anos na Amadora, precisamente na moradia, ainda existente, dos condes da Lousã, na Damaia, tendo o município, em anos anteriores, homenageado a figura deste cientista, com vários eventos, em memória deste padre da ciência, ao descobrir a máquina solar do pirelióforo, que viria a ganhar o grande prémio da exposição universal de 1904, em St. Louis - USA. Foram vários os inventos do padre Himalaia, alguns deles testados na serra de Sintra.

Sobre a vida e obra desta cientista, nascido em Cendufe, Arcos de Valdevez, em 1868 e falecido em Viana do Castelo em 1933, já nestas colunas foram feitas as devidas referências.

O voltamos, de novo, ao padre Himalaia, respeita a uma informação publicada no nosso colega "Falcão do Minho", que, pela mão do seu colaborador Jacinto Rodrigues (um dos biógrafos do cientista), a qual, pelo seu interesse, reproduzimos. Trata-se de carta inédita e respeita a correspondência trocada entre o referido padre e Delfim Guimarães, este também com residência na Amadora, localidade onde provavelmente se conheceram. Quer um quer outro, constam na toponímia amadorenses.

A carta teria sido cedida ao referido biógrafo por um dos netos de Delfim Guimarães, cujo teor é o seguinte, reportado, naturalmente, ao século passado.

nacionais que eles, há muito, queriam ou podiam atingir.

Se penso isto do anarquismo doutrinai, é intuitivo que não posso descobrir no anarquista convicto senão estreiteza de espirito aliada a diversas fobias mais ou menos inconscientes, principalmente a fobia religiosa ou o ódio à crença e práticas religiosas dos outros que nisso acham prazer e felicidade.

Ferrer estava neste caso. Tinha algum talento, mas não era capaz de abraçar a natura num juízo concreto.

A ordem astronómica física-química e biológica, a perfeição da inviolabilidade e da liberdade humana, eram coisas que ele não pôde atingir.

A isto acrescem diversas fobias religiosas e outras que o levariam a propagar ideias de violência pessoal contra o seu semelhante, que de boa fé e no pleno uso da sua liberdade pensava e procedia duma maneira diferente da dele.

Mais que isso, as autoridades espanholas pretendem ter obtido provas concludentes de que Ferrer dirigiu pessoalmente a estúpida, inútil e aviltante matança de Barcelona.

Se tudo isto assim foi, Ferrer não tem defesa a não ser que se prove que ele tinha taras cerebrais tão profundas que o tornavam irresponsável.

Convém não esquecer que Ferrer soube tornar-se num capitalista e num gozador e morreu senhor duma magnífica casa comercial e possuidor duma invejável fortuna, tendo deixado as filhas e os netos na miséria.

Estes factos fazem com que seja necessário fazer um grande esforço para ver nele um convicto de qualquer coisa tendente a produzir a felicidade dos outros.

Mas, perguntará V. Exa. então se Ferrer era um tarado dessa força, porque é que homens notáveis em todos os países do mundo, o defendem.

A resposta é simples. O homem em geral é egoísta e como tal condena os outros e defende-se a si, embora os outros sejam inocentes e ele criminoso.

O homem aplica o mesmo processo à sua família e à sua escola, partido ou seita.

Ferrer teve a habilidade de se fazer membro das sociedades maçónicas internacionais. Os maçons, como todos os outros egoístas, defendem lá os padres dos seus conventos.

E como os maçons têm organização internacional, deram as devidas instruções para que o irmão Ferrer fosse representado aos olhos da carneirada humana como um mártir.

E está salva a memória de Ferrer e a honra da confraria a que pertencia.

O meu Querido e Distinto Amigo pode ficar certo de que lhe disse tudo o que penso com a franqueza e lealdade que se deve a um amigo.

Se um dia a ciência descobrir um meio de transformar a natureza humana fazendo com que o egoísmo desapareça e seja substituído pelo altruísmo, então, se eu ainda estiver neste mundo e se por cá não houver anarquistas, serei eu o primeiro a proclamar a abolição da propriedade e da autoridade civil, como estorvos duma forma comvente de felicidade social.

Quando a tendência natural do homem for cuidar antes de tudo do bem e da prosperidade do seu semelhante, esquecendo não só os seus apetites, desejos e aspirações consoante as suas próprias necessidades, então será conveniente propagar uma parte das ideias anarquistas.

Porém, se esse fenómeno se não produzir, se o egoísmo continuar a ser a base da natureza humana, a propriedade, isto é, o fruto do trabalho, do egoísmo ou da fortuna de cada um e a autoridade, isto é, a força que deve animar e regularizar a actividade e a ambição dos indivíduos, tem de ser mantida para o bem do maior número, embora possam sofrer profundas modificações.

Se o meu prezado amigo entende que não tenho razão, desculpe-me e com um aperto de mão receba a certeza da minha sincera dedicação

PMAG Himalaya
*Professor Universitário

15 de Dezembro de 1909

53, Rua do Sacramento à Lapa - Lisboa

Meu Bom e Illustre Amigo

Venho agradecer a fineza da oferta dos dois livros.

"Quem é Ferrer e As Doutrinas Anarquistas", com que V. Exa. me distinguiu.

Li-os com a calma e imparcialidade que a experiência das coisas humanas me tem ajudado a conquistar.

Não duvido da sinceridade dos autores.

Mas, em nome da mesma experiência das coisas humanas, tanto nesta pequena nacionalidade como nos grandes países do velho e do novo mundo e em nome do pouco que conheço da história da humanidade, devo confessar que não vejo nenhum fundamento natural nas doutrinas anarquistas.

Vou falar com franqueza porque sei que me dirijo a um intelectual e a um amigo.

Que a propriedade está mal distribuída, que ela muitas vezes está nas mãos de poucos e nem sempre nas dos que mais valem e mais utilmente trabalham e produzem, isso é um facto.

Que se podia fazer uma distribuição mais equitativa das terras, dinheiros, valores e outras riquezas reais ou convencionadas, isso é mais que evidente, isso é cristão!

Mas negar o princípio da propriedade parece-me uma utopia contranatura.

De facto, nenhum de nós abdicaria da sua personalidade, do seu nome, da sua inteligência, do seu saber e da sua família, dos que neste mundo mais ama, dos seus hábitos e tendências e porventura da sua força e beleza. Isso é a primeira coisa que constitui a individualidade de cada um e, quem diz individualidade diz propriedade!

Em seguida, se todas as riquezas fossem postas ao dispor do homem, tal como ele é, tal como sempre foi e é de supor que continue a ser, o primeiro fruto dessa desorganização social seria a morte dos menos astutos e mais sentimentais.

Em seguida, os cruéis e os sem escrúpulos(...) formariam grupos que se degladiariam uns aos outros, até que a experiência os obrigasse a criar uma convenção que lhes permitisse o gozo de certos direitos, mediante a observância de certos deveres.

A propriedade e a lei renasceriam de novo pelo próprio instinto da conservação dos sobreviventes da utopia anarquista.

Quem isto subscreve é um homem que julga ter atingido o período da imparcialidade completa, colocando-se pois acima de qualquer preconceito inerente à espécie, à família, à crença, etc.

A ordem, a lei, a propriedade, são factos existentes na própria animalidade.

É em virtude desse princípio que a fera (para não dizer simples galinha comum) defende o produto da sua preza (?), o seu pasto, o seu covil, o seu ninho, os seus filhos, etc.

Estou trocando ideias primordiais com V. Exa. que considero um espírito superiormente dotado, um espírito habituado à investigação da verdade onde quer que ela esteja, um carácter capaz de seguir caminhos diametralmente opostos até acertar com a verdade natural.

Estou por consequência convicto de que V. Exa. compreenderá como eu, que o anarquismo não pode trazer à humanidade nenhum progresso material, nem moral e muito menos social.

Sendo isto assim, a propagação das utopias anarquistas, só seria para desviar as atenções dos desfavorecidos da fortuna para muito longe das conquistas